



## AGRICULTURA FAMILIAR E O DESAFIO DA SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL: O CASO DE SALVADOR DAS MISSÕES - RS

## FAMILY FARMING AND THE CHALLENGE OF ENVIRONMENTAL SUSTAINABILITY: THE CASE OF SALVADOR DAS MISSÕES, BRAZIL

Vanderlei Franck Thies<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0003-0647-1906>

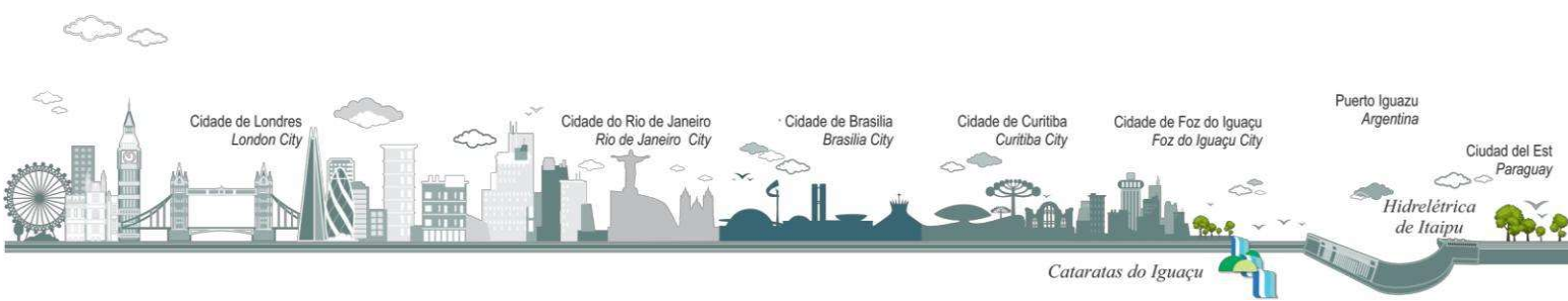
**Resumo:** As formas de agricultura impulsionadas pelos impérios alimentares têm limitado o avanço de agroecossistemas mais sustentáveis. O objetivo desse estudo foi identificar as mudanças nos sistemas produtivos de agricultores familiares e discutir se elas apontam para a configuração de agroecossistemas conservadores dos recursos naturais, através de processos de transição agroecológica, ou estão alinhando-se as formas empresariais de agricultura impulsionadas pelos impérios alimentares. Para tal, foi realizada pesquisa de campo, com caráter histórico e comparativo, junto ao mesmo grupo de agricultores familiares de Salvador das Missões (RS), com os quais foram coletados dados nos anos de 2003 e 2018. Observou-se que, ao longo do tempo, na maioria dos casos, os agroecossistemas configurados avançaram na perspectiva da internalização de formas empresariais de agricultura, subordinados de modo crescente à lógica dos impérios alimentares, sem a presença de processos de transição agroecológica. Em perspectiva diversa, entre as famílias que passam a produzir exclusivamente para o autoconsumo, observou-se que as formas camponesas de agricultura se mostram mais presentes, ainda que sem a presença de processos de transição agroecológica.

**Palavras-chave:** Sistemas produtivos. Agricultura familiar. Agroecologia. Mercantilização.

**Abstract:** The forms of agriculture driven by food empires have limited the advancement of more sustainable agroecosystems. The objective of this study was to identify changes in the production systems of family farmers and to discuss whether they point to the configuration of agroecosystems that conserve natural resources, through agroecological transition processes, , or whether these have increasingly adopted the agricultural commercial strategies driven by food empires. To this end, field research was conducted from a historical and comparative perspective using data collected in 2003 and 2018 from a select group of family farmer near Salvador das Missões. In most cases, we found that the agroecosystems were increasingly constructed along the lines of commercial agriculture beholden to the logic of agribusiness empires and did not demonstrate a transition to agroecological practices. From another perspective, peasant forms of agriculture were found to be more prevalent among families that moved to producing food exclusively for self-consumption, although they did not transition to agroecological practices.

**KeyWords:** Productive systems. Family farming. Agroecology. Commoditization.

<sup>1</sup> Doutor em Desenvolvimento Rural (UFRGS). Professor colaborador no Centro de Ciências Agrárias da UNIOESTE – Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil. [vftc3@yahoo.com.br](mailto:vftc3@yahoo.com.br)





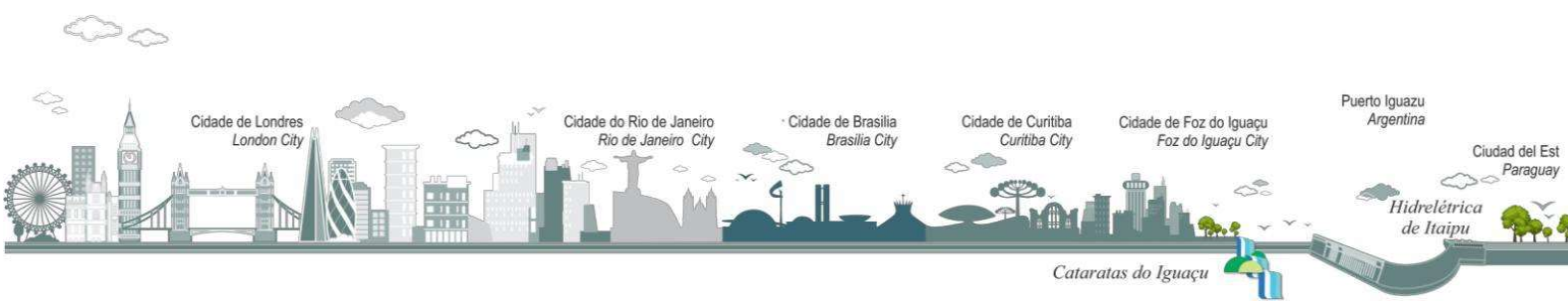
## INTRODUÇÃO

As mudanças climáticas e seus efeitos deletérios para a vida no ambiente global têm sido apontadas como um dos grandes desafios da atualidade. Evidências têm sido recorrentemente publicadas por especialistas e apontam a crescente gravidade do cenário e a necessidade de mudanças em diferentes áreas da ação humana, dentre elas nas práticas agrícolas (IPCC, 2021).

As diferentes formas de uso da terra converteram-se de uma questão local em uma questão global, nas quais se entrecruzam a necessidade de geração de alimentos e a de conservação da capacidade dos ecossistemas de suportar as diversas formas de vida (FOLEY et al., 2005). A lógica produtivista industrializante do sistema agroalimentar engendrado pelos impérios alimentares (PLOEG, 2008) impulsiona a diminuição da biodiversidade, a degradação ambiental e o adoecimento, em função da nutrição inadequada da população (LANG, 2012; STUCKLER, NESTLE, 2012; FAO, 2017).

Nesse contexto ganha força a discussão sobre a sustentabilidade. No âmbito das agriculturas locais e regionais a perspectiva da sustentabilidade aponta para a necessidade de fortalecer a resiliência dos sistemas produtivos e das comunidades rurais, além de promover a soberania alimentar, os mercados territoriais e a transição na perspectiva agroecológica (PLOEG, 2020; ANDERSON et al., 2021). No caso brasileiro, a problemática da sustentabilidade e as discussões sobre agroecologia emergem e são impulsionados desde a percepção das repercussões e dos efeitos negativos dos estilos de agricultura impulsionados pela Revolução Verde, como a redução da biodiversidade, erosão dos solos, exclusão social e a concentração de terras (CAPORAL, 2008; WANDERLEY, 2003).

Conforme Altieri (2012, p.104) a agroecologia pode ser definida como “[...] aplicação dos conceitos e princípios ecológicos para desenhar agroecossistemas sustentáveis [...]”, onde possui grande relevância a abordagem sistêmica e o redesenho dos agroecossistemas na perspectiva sustentável. Aí agroecologia e sustentabilidade se conectam, pois ambas apontam a necessidade de conciliar a demanda por alimentos de qualidade com a configuração de agroecossistemas que articulem sinergicamente conservação ambiental e geração de alimentos, no contexto das mudanças climáticas (FANZO et al., 2013). Frente a





isso, coloca-se a necessidade de alterações nas dinâmicas sociais e econômicas em diversas dimensões da vida humana (IPCC, 2021), destacando-se, entre elas, a necessidade de construir políticas que impulsionem a transição para a sustentabilidade (FAVARETO, 2019).

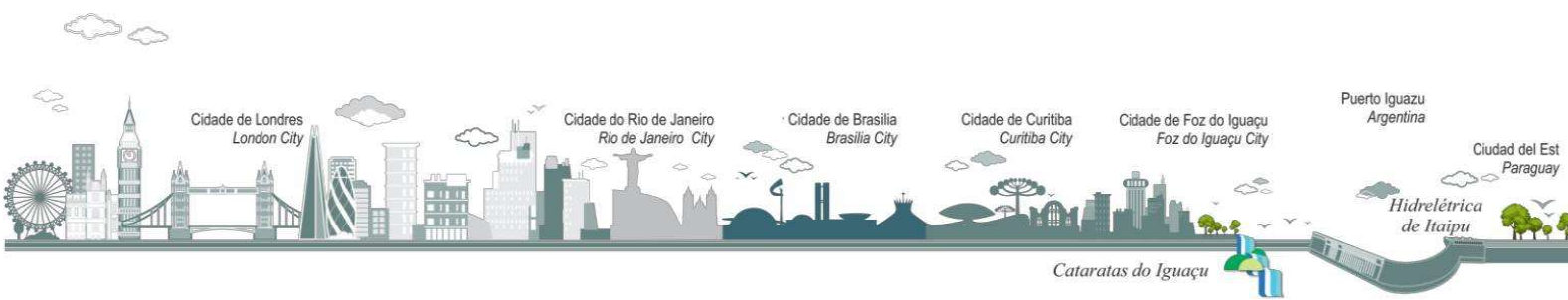
Na literatura especializada destaca-se a importância da agrobiodiversidade e suas conexões positivas com a saúde e a nutrição, além de ser tratada como um dos fundamentos das estratégias de desenvolvimento de comunidades rurais, de conservação e recuperação ambiental e de adaptação às mudanças climáticas (FANZO et al., 2013), em contraposição à lógica dos impérios alimentares. Em perspectiva diversa a industrialização, financeirização e globalização da agricultura, destaca-se a emergência da (re)valorização do local, sua cultura, suas práticas e o saber-fazer dos diversos agricultores, associados às questões de conservação ambiental (BOWEN, 2011; NIEDERLE, 2013; DINIZ, CERDAN, 2017).

Nessa perspectiva, Ploeg (2008) aponta a tendência de recampesinização como um mecanismo de resposta dos agricultores para ampliar seus espaços de manobra e sua autonomia frente ao poder centralizador e hierarquizador dos impérios alimentares. É nesse tensionamento entre as perspectivas fundadas na valorização das culturas locais, na maior autonomia dos agricultores, na configuração de sistemas produtivos biodiversos, recuperadores e conservadores dos ecossistemas, ante as perspectivas homogeneizadoras e verticalizadoras das formas imperiais de agricultura, que os sistemas agroalimentares têm se configurado na atualidade. Nesse contexto, busca-se responder a seguinte questão: os agricultores familiares têm se diferenciado da lógica dos impérios alimentares e constituído agroecossistemas biodiversos e conservadores dos recursos naturais?

O objetivo do trabalho é analisar longitudinalmente as transformações nas práticas agrícolas de agricultores familiares de Salvador das Missões (RS) para, de modo mais específico, identificar se as mudanças nos sistemas produtivos apontam para a configuração de agroecossistemas biodiversos e conservadores dos recursos naturais ou se estão alinhando-se as formas empresariais de agricultura impulsionadas pelos impérios alimentares.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O município de Salvador das Missões foi escolhido para a realização do estudo por





ser representativo da dinâmica demográfica e produtiva dos municípios do sul do Brasil que contam com elevada presença de agricultores familiares. Esse município localiza-se na região gaúcha das Missões, distando cerca de 500 km da capital Porto Alegre.

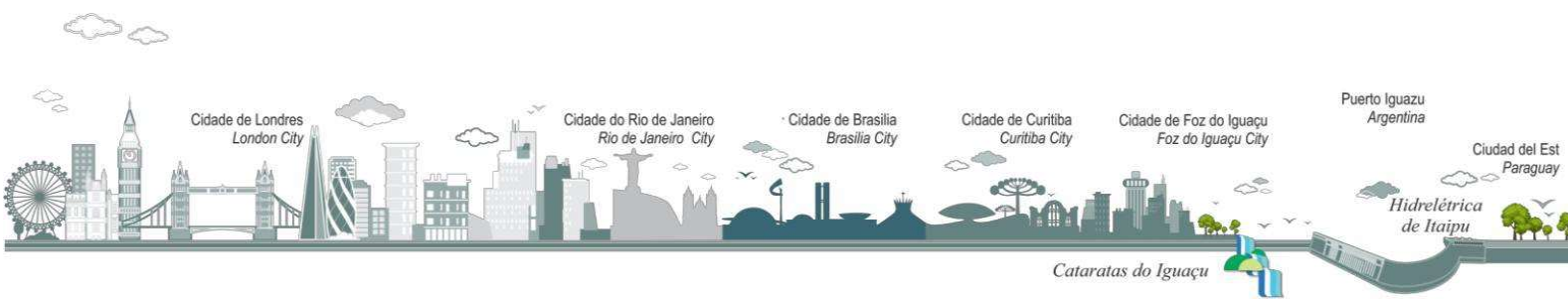
A pesquisa teve caráter histórico e comparativo, pois focada na análise das similaridades e diferenciações do mesmo grupo social ao longo do tempo (MARCONI, LAKATOS, 2010). A unidade de análise é a família dos agricultores, tendo sido estudado o mesmo grupo de famílias agricultoras, através da coleta de dados em dois pontos no tempo, separados por um intervalo de quinze anos, constituindo-se em um estudo longitudinal (PLOEG, 2018).

A amostra foi do tipo sistemática por comunidade, sendo os agricultores familiares, no primeiro ano da pesquisa, escolhidas através de sorteio. No segundo ano da coleta de dados todas as 58 famílias que participaram da pesquisa no primeiro ano foram localizadas e participaram novamente do estudo. A primeira coleta de dados de campo foi realizada em janeiro de 2003 e a segunda em janeiro de 2018.

Nos dois anos foram adotados os mesmos procedimentos de coleta de dados, utilizando-se para tal um questionário semiestruturado, contendo questões relacionadas aos seguintes eixos: características demográficas, disponibilidade de meios de produção e as condições produtivas, configuração dos sistemas produtivos, valor da produção e formação da renda, participação social e política e acesso das famílias às políticas públicas.

As informações de campo foram organizadas e analisadas através da comparação de dados em painel (GIL, 2008), utilizando estatísticas descritivas, que foram calculadas conforme os procedimentos descritos por Lima et al. (1995). Nesse trabalho discute-se de modo específico as variáveis relacionadas a configuração dos agroecossistemas, a diversidade dos cultivos e criações, os insumos utilizados, os vínculos com as cadeias globais de valor, as diferentes práticas agrícolas e sua inserção em processos de transição agroecológica. Análises de outras variáveis relacionadas a pesquisa podem ser vistas em Thies (2020; 2021; 2023) e outros trabalhos que se encontram no prelo.

Todos os valores monetários levantados no primeiro ano da pesquisa foram atualizados para o segundo ano do estudo, utilizando-se para tal o Índice Geral de Preços do Mercado (IGPM) calculado pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).



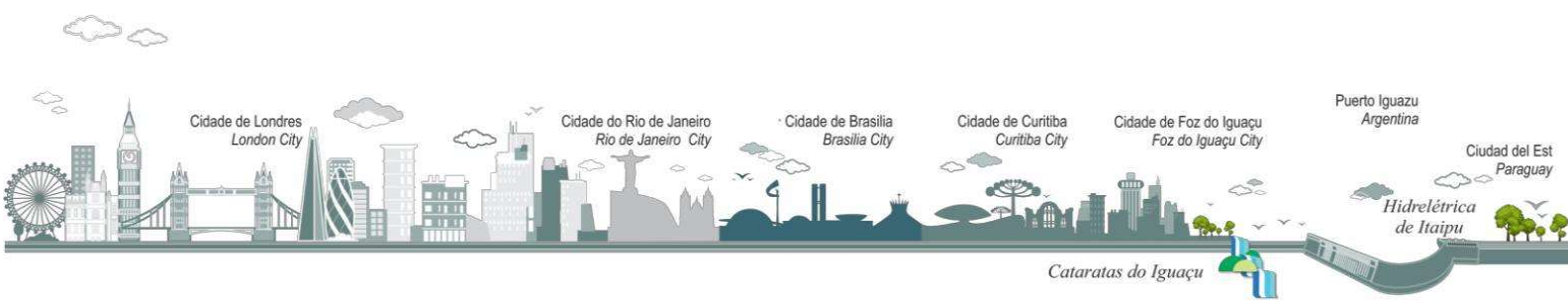


Um dos parâmetros especificamente analisados foi o Consumo Intermediário (CI), que representa as despesas monetárias necessárias para viabilizar as atividades agrícolas desenvolvidas durante um ciclo produtivo. O CI é expresso em reais (R\$) e formado por todos os gastos de bens e serviços necessários para a realização de um ciclo produtivo. Ele é formado por aqueles itens que são consumidos integralmente nesse mesmo ciclo, envolvendo, especialmente, os diversos insumos e pagamento de serviços temporários. São exemplos: o combustível utilizado para o plantio de uma cultura, ou os gastos com aquisição de agrotóxicos.

Além do CI também considerou-se as variações no Produto Bruto (PB), que representa a produção gerada no sistema (para venda e autoconsumo da família) durante um ano agrícola. O PB é obtido pela conversão da produção agropecuária vegetal, animal e da transformação caseira em valores monetários. O cálculo para a sua obtenção é feito através da multiplicação das quantidades produzidas por seus preços unitários de venda e se expressa em reais (R\$).

A relação entre o consumo intermediário e o produto bruto (CI/PB) expressa o valor relativo do produto bruto que é gasto para viabilizar as atividades agrícolas. A análise das variações na proporção (CI/PBT) permite identificar a maior, ou menor, autonomia do sistema produtivo (SILVA NETO, 2016). Quanto maior a proporção, menor será a autonomia do sistema, representando maior externalização e dependência das atividades produtivas aos insumos de origem externa. Quanto menor essa proporção, menores são os gastos externos à unidade de produção necessários para que o sistema se viabilize, expressando maior autonomia.

Por fim, a transição agroecológica é aqui definida como um processo de mudanças graduais na forma de manejo e gestão dos agroecossistemas, envolvendo não apenas aspectos técnicos, mas também cognitivos, que avançam de modo dinâmico na ecologização contínua e crescente das atividades agrárias ao longo do tempo (COSTABEBER, 2004). Conforme Balbinotti e Thies (2019) em cada novo momento do processo de transição agroecológica ocorre uma ruptura gradual com a base material, cognitiva e tecnológica anterior, onde vão sendo assimiladas novas ideias e incorporadas novas práticas.





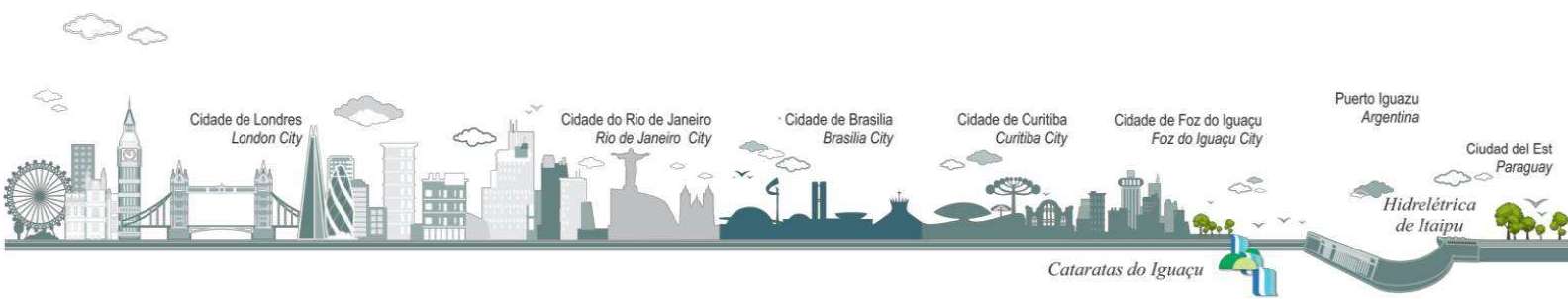
## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades produtivas das famílias destinavam-se ao autoconsumo e também ao comércio, utilizando, ao todo, 1.201,5 ha, em 2002 e 1.336,6 ha, em 2017. Observou-se tendência de concentração da terra ao longo do tempo, já que no primeiro ano do estudo observava-se uma distribuição mais equânime desse meio de produção entre o conjunto das famílias e, no segundo ano, nove famílias possuíam três quartos de todas as áreas cultivadas. O capital do conjunto das famílias também foi ampliado, passando de, aproximadamente, R\$ 3,61 milhões para R\$ 5,46 milhões, observando-se também a tendência de concentração, em que, no segundo ano do estudo, as dez famílias mais capitalizadas concentravam 74,97% do capital, ante 56,92% no primeiro ano.

As principais atividades produtivas desenvolvidas, nos dois anos do estudo, estão relacionadas ao cultivo de grãos (soja, milho e trigo), a produção diversificada de vegetais em hortas e pomares, além da criação animal, destacadamente de bovinos (para produção de leite), suínos e aves (especialmente de galinhas).

A produção de soja era desenvolvida em 366 ha, por 49 famílias, no primeiro ano do estudo e passou a ocupar 479,5 ha, no segundo ano, sendo desenvolvida por vinte famílias. Trata-se do cultivo mais importante, em termos de área ocupada, marcado por uma dinâmica de forte crescimento da área total e de exclusão de muitas famílias, evidenciando tendência de crescimento com concentração. Essa mesma tendência foi observada no cultivo de trigo (área média cultivada passou de 6,27 ha para 19,05 ha). O milho apresenta tendência um pouco distinta, pois esse cultivo era realizado por 54 famílias, em 2002 e passou para 32 famílias, em 2017, mas nesse caso manteve-se um padrão de áreas cultivadas menores (4,18 ha para 6,56 ha). O cultivo desse grão é mantido pelo maior número de famílias, pois realizado tanto para o comércio como para a alimentação dos animais das famílias.

Na bovinocultura, especializada na produção de leite, também observou-se um quadro de forte exclusão de muitas famílias, pois essa atividade era desenvolvida por 52 famílias e passou para 30, entre os anos do estudo. Nesse período cresceu fortemente o número médio de animais por família (de 10,5 para 18,6 vacas por família) e a produtividade animal (de 2.575 litros/ano para 4.532 litros/ano), demarcando, em paralelo com a exclusão de muitas famílias,



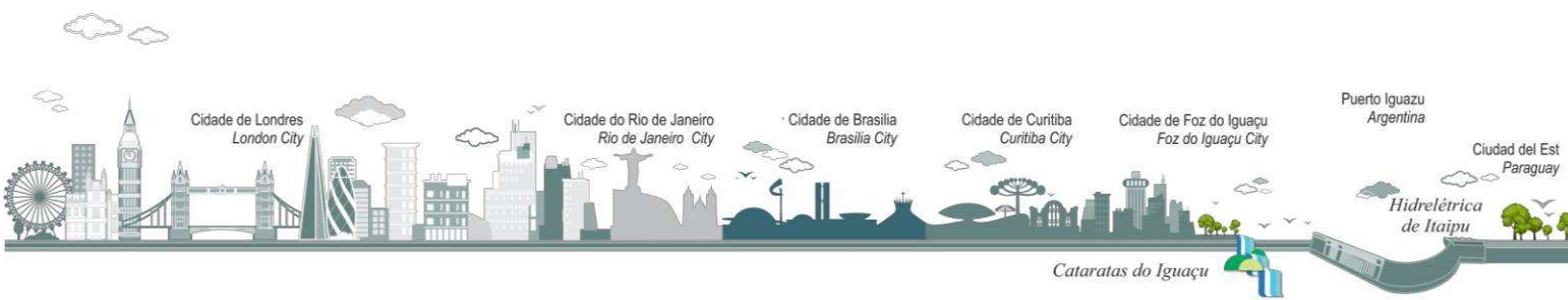


um quadro de forte ampliação do volume produzido e de concentração da produção. Essa atividade é marcada por expressiva padronização genética, destacadamente centrada em animais da raça holandesa, dos quais se busca extrair máxima produtividade e ganhos de escala, com intenso uso de insumos externos (rações, remédios, hormônios, combustíveis fósseis, sementes), num processo de crescente tensionamento das empresas para o alinhamento dos agricultores a essas formas empresariais de produção. Em termos gerais, a produção de suínos vai na mesma perspectiva da produção de leite, observando-se redução do número de famílias que desenvolvem essa atividade (de 41 para 30) e aumento do tamanho médio dos rebanhos familiares (de 62,5 para 180,4 animais por família). No caso dessa atividade produtiva existe maior número de famílias que mantêm a criação artesanal de suínos, desvinculada das grandes indústrias e sem objetivos comerciais, pois destinados ao consumo das próprias famílias, ou para a distribuição em suas redes de reciprocidade, englobando a doação de carne para familiares e a troca com vizinhos.

Além dessas atividades produtivas, que possuem caráter fortemente comercial, as famílias também mantêm cultivos e criações destinadas ao autoconsumo. Essa modalidade de produção contribui para a estabilidade econômica e geração de renda, também para a ampliação da segurança alimentar, com disponibilidade de alimentos frescos, coerentes com a cultura familiar e geralmente com menores cargas de agrotóxicos (GAZOLLA, 2004; GRISA, SCHNEIDER, 2008; FONTOURA, 2012; JAEHN, 2019).

Essa modalidade de produção era desenvolvida por todas as famílias no primeiro ano do estudo, sendo que duas delas desenvolviam atividades agrícolas exclusivamente destinadas ao consumo familiar. No segundo ano da pesquisa dez famílias produziam exclusivamente para o autoconsumo. Nesses casos observou-se o avanço de práticas agrícolas na perspectiva de formas mais camponesas de agricultura (PLOEG, 2008), ocorrendo um processo de distanciamento da lógica produtiva dos impérios alimentares, pois as famílias valorizam de modo diferente os produtos que irão para a mesma da própria família. Ainda assim, nenhuma das famílias declarou-se em processo de transição agroecológica.

A produção para autoconsumo é composta pela criação de animais (especialmente galinhas, suínos e bovinos) para obtenção de carnes, ovos e leite. Além disso, nos dois anos da pesquisa, tem presença destacada a produção em hortas (presente, respectivamente, em



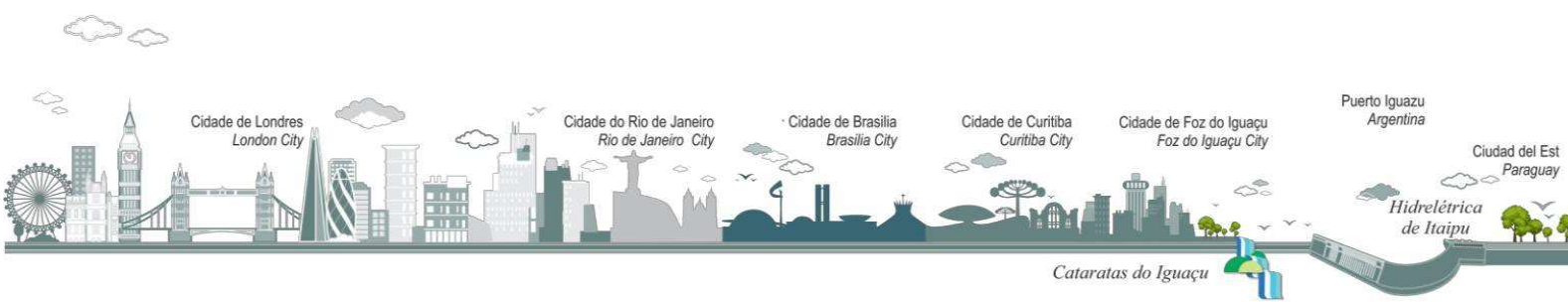


54 e 49 famílias) e pomares (presente, respectivamente, em 53 e 51 famílias). Em que pese a tendência de diminuição do número de famílias que desenvolvem essas atividades, elas são as mais frequentes no conjunto das famílias pesquisadas. Essas duas atividades produtivas são marcadas por grande diversidade de cultivos, ainda que a tendência observada é de redução do número de espécies cultivadas, tanto nas hortas como nos pomares. Em relação a essas atividades nenhuma família declarou estar em processo de transição agroecológica.

No conjunto das atividades produtivas observou-se o avanço das formas empresariais de agricultura (PLOEG, 2008), com aumento do uso de insumos externos, envolvendo desde sementes, combustíveis fósseis, diversos tipos de biocidas, adubos de origem industrial e o desenvolvimento das lavouras na forma de monocultivos. O valor absoluto do Produto Bruto gerado por todas as famílias passou de R\$ 4.002.461,07 para R\$ 7.915.261,67 entre os anos de 2002 e 2017. Nesse período o valor do Consumo Intermediário foi de R\$ 1.728.308,25 para R\$ 3.704.058,28. Assim, em termos relativos, aumentou a proporção do valor da produção que foi absorvida pelo Consumo Intermediário, tendo passado de 43,18% para 46,80%. A tendência observada nas práticas agrícolas é de ampliação da mercantilização das atividades produtivas, com crescente externalização e dependência de insumos de origem industrial, sem ser observada a presença, ou emergência, de práticas agrícolas mais consistentes que apontassem na perspectiva agroecológica, ou de transição para a agroecologia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho analisou as transformações nos sistemas produtivos de agricultores familiares de Salvador das Missões – RS, entre os anos de 2002 e 2017. Os dados mostram alterações expressivas nas dinâmicas produtivas, com exclusão de muitas famílias e concentração da produção. Também destaca a ocorrência da ampliação dos níveis de consumo intermediário ao longo do tempo, o que implica na redução da sustentabilidade dos sistemas, na medida em que tornam-se mais dependentes de insumos externos, com a redução da autonomia dos agricultores.



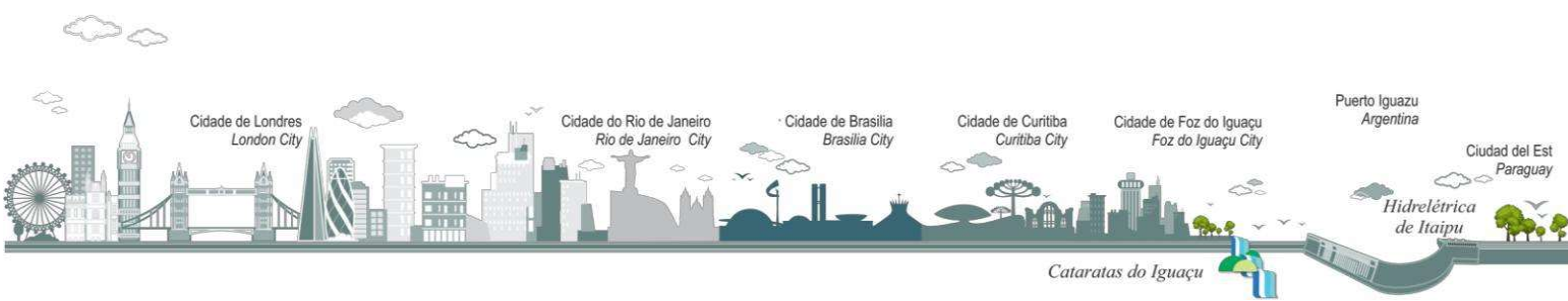




Não foram observados processos de transição agroecológica no conjunto dos casos estudados. Os agroecossistemas configurados ao longo do período estudado pelos agricultores familiares de Salvador das Missões avançaram na perspectiva da internalização de formas empresariais de agricultura, subordinados de modo crescente à lógica dos impérios alimentares. Difere dessa tendência geral os casos das famílias que passam a produzir exclusivamente para o autoconsumo, onde as formas camponesas de agricultura se mostram mais presentes.

## REFERÊNCIAS

- ALTIERI, M. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2014. 400 p.
- ANDERSON, C. R.; BRUIL, J.; CHAPPELL, M. J.; KISS, C.; PIMBERT, M. P. **Agroecology Now!** Transformations towards more just and sustainable food systems. Cham: Palgrave Macmillan, 2021. 199 p.
- BALBINOTTI, P.; THIES, V. F. Transição agroecológica e estilos de agricultura: o caso do Pré-Assentamento Resistência Camponesa. **Retratos de Assentamentos**. v. 22, n. 2, p. 180-201, 2019. DOI: 10.25059/2527-2594/retratosdeassentamentos/2019.v22i2.354.
- BOWEN, S. The Importance of Place: Re-territorialising Embeddedness. **Sociologia Ruralis**. v. 51, n. 4, p. 325-348, 2011.
- CAPORAL, F. R. **Em defesa de um Plano Nacional de Transição Agroecológica**: compromisso com as atuais e nosso legado para as futuras gerações. Brasília: 2008. 35 p.
- COSTABEBER, J. A. Transição agroecológica: do produtivismo à ecologização. In: CAPORAL, R. F., COSTABEBER, J. A. **Agroecologia e a Extensão Rural**: contribuições para a promoção do desenvolvimento rural sustentável. Porto Alegre: 2004. p. 17-48.
- DINIZ, J.D.A.; CERDAN, C. Produtos da sociobiodiversidade e cadeias curtas: aproximação socioespacial para uma valorização cultural e econômica In: GAZOLLA, M., SCHNEIDER, S. **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas**. Porto Alegre: UFRGS, 2017, p. 259 - 280.
- FANZO, J. et al. **Diversifying Food and Diets**: using agricultural biodiversity to improve nutrition and health. Routledge: Oxon, 2013. 400 p.
- FAVARETO, A. Transição para a sustentabilidade no Brasil e o desenvolvimento territorial nos marcos da Agenda 2030 e dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. **Parc. Estrat.** v. 24, n. 49, p. 49-72, 2019.
- FOLEY, J.A. et al. Global consequences of land use. **Science**. v. 309, n. 5734, p. 570-574, 2005.
- FONTOURA, A. F. **A produção para autoconsumo: características e importância para os sistemas de produção de pecuária familiar da Fronteira Oeste do RS**. 2012. 150 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012.





FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION OF THE UNITED NATIONS - FAO, IFAD, UNICEF, WFP and WHO. 2017. **The State of Food Security and Nutrition in the World 2017**. Building resilience for peace and food security. Roma: FAO, 2017.

GAZOLLA, M. **Agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas**: Uma análise a partir da produção para autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS. 2004. 305 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GRISA, C.; SCHNEIDER, S. Plantar pro gasto: a importância do auto consumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul. **RESR**. v. 46, n. 2, p. 481-515, 2008.

IPCC – Intergovernmental Panel on Climate Change. **Climate Change 2021: The Physical Science Basis - Summary for Policymakers**. Cambridge University Press: 2021.

JAEHN, E. **A importância do autoconsumo na renda das famílias assentadas no Rio Grande do Sul**. 2019. 129 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

LANG, T. Sustainable diets and biodiversity: the challenges for policy, evidence and behaviour change. In: BURLINGAME, B.; DERNINI, S. (ed.). **Sustainable diets and Biodiversity**: directions and solutions for policy, research and action. FAO: Rome, 2012, p. 20 - 26.

LIMA, A. J. P. BASSO, N. NEUMANN, P. S. SANTOS, A. C. MÜLLER, A. G. **Administração da Unidade de Produção Familiar**: modalidades de trabalho com agricultores. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 1995.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Editora ATLAS, 2010. 297 p.

NIEDERLE, P. A. **Indicações geográficas**: Qualidade e origem nos mercados alimentares. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2013. 290 p.

PLOEG, J. D. V. D. **Camponeses e impérios alimentares**: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. 372 p.

PLOEG, J. D. V. D. Differentiation: old controversies, new insights. **The Journal of Peasant Studies**. v. 45, n. 3, p. 489-524, 2018.

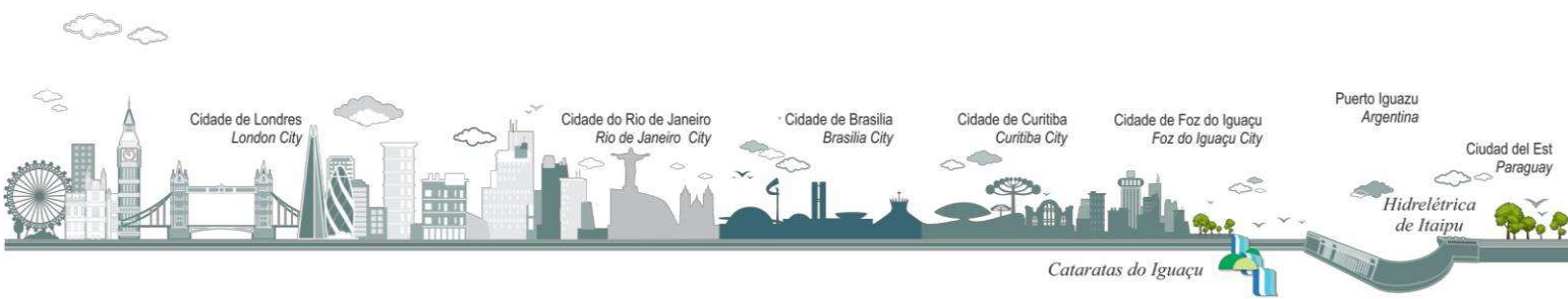
PLOEG, J. D. V. D. From biomedical to politico-economic crisis: the food system in times of Covid-19. **The Journal of Peasant Studies**. v. 47, n. 5, p. 944-972, 2020.

SILVA NETO, B. **Agroecologia e Análise Econômica de Sistemas de Produção**: Uma análise baseada no materialismo histórico e dialético. Chapecó: Editora da UFFS. 2016. 127 p.

STUCKLER, D.; NESTLE, M. Big Food, Food Systems and Global Health. **PLOS Medicine**. v.9, n. 6, p. 1 - 4, 2012.

THIES, V. F. **Desagrarização e concentração produtiva**: análise longitudinal das trajetórias da agricultura familiar nas Missões do RS. 2020. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

THIES, V. F. Transformações demográficas e nas estratégias de trabalho: uma abordagem longitudinal da agricultura familiar em Salvador das Missões – Rio Grande do Sul. **Redes**. v. 26, p.1-19, 2021. DOI: <https://doi.org/10.17058/redes.v26i0.16819>





THIES, V. F. Desagrarização e agrarização da agricultura familiar em Salvador das Missões - Rio Grande do Sul. **Revista de Economia e Sociologia Rural**. v. 61, n. 1, p. 1-22, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2021.245689>

WANDERLEY, M. de N. B. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro, n. 21, p. 42-61, 2003.

